

O MAR NÃO ESTÁ PARA PEIXE: ANÁLISE MARXISTA DOS DISCURSOS CONTIDOS NO DOCUMENTÁRIO *SEASPIRACY: MAR VERMELHO* (2021)

ANÁLISIS MARXISTA DE LOS DISCURSOS CONTENIDOS EN EL DOCUMENTAL *SEASPIRACY: LA PESCA INSOSTENIBLE* (2021)

MARXIST ANALYSIS OF THE SPEECHES PRESENT IN THE DOCUMENTARY *SEASPIRACY* (2021)

DOI: <http://doi.org/10.9771/gmed.v15i1.50119>

Luísa Gonçalo Prá¹

Adriana D'Agostini²

Resumo: As relações ser humano-oceano se desenvolvem ao longo da história, e, com a industrialização capitalista da atividade pesqueira, percebe-se um contexto predatório em que a sociedade se encontra frente aos oceanos. Partindo de uma análise materialista-histórico-dialética, a ideologia é em si mesma um dos aspectos da história; nesse sentido, produções audiovisuais, como os documentários, podem se estruturar de forma a sustentar e reproduzir determinadas relações sociais de produção dos meios de vida, ou criticar essas relações. Nesse trabalho, analisamos os discursos contidos no documentário *Seaspiracy: mar vermelho* de Ali Tabrizi, seguindo uma adaptação do modelo geral para análise de filmes de Denzin (2004). Em complementação ao modelo, analisamos a obra sob a perspectiva da dialética, da totalidade e da contradição, apoiando-nos no método materialista-histórico-dialético elaborado por Marx e Engels.

Palavras-chave: Sustentabilidade. Ideologia. Pesca. Capitalismo. Ciências Oceânicas.

Resumen: Las relaciones hombre-oceano se desarrollan a lo largo de la historia, y con la industrialización capitalista de la actividad pesquera, se percibe un contexto depredador en el que la sociedad se encuentra frente a los océanos. Partiendo de un análisis materialista-histórico-dialéctico, la ideología es en sí misma uno de los aspectos de la historia; en este sentido, las producciones audiovisuales, como los documentales, pueden estructurarse para sostener y reproducir ciertas relaciones sociales de producción de medios de vida, o criticar estas relaciones. En este trabajo analizamos los discursos contenidos en el documental *Seaspiracy: la pesca insostenible* de Ali Tabrizi, siguiendo una adaptación del modelo general de análisis de películas de Denzin (2004). Además del modelo, analizamos la obra desde la perspectiva de la dialéctica, la totalidad y la contradicción, a partir del método materialista-histórico-dialéctico desarrollado por Marx y Engels.

Palabras clave: Sustentabilidad. Ideología. Pesca. Ciencias Oceánicas

Abstract: Human-ocean relationships develop throughout history, and with the capitalist industrialization of fishing, a predatory context of society towards the ocean reveals itself. Following a materialist-historical-dialectical analysis, ideology is one of the aspects of history; in this sense, audiovisual productions, such as documentaries, can be structured to sustain and reproduce certain social relations of production of livelihoods, or criticize these relations. In this study, we analyzed the discourses contained in the documentary *Seaspiracy* by Ali Tabrizi, following an adaptation of the general model for analyzing films by Denzin (2004). In addition to the model, we analyzed the film from the perspective of dialectics, totality, and contradiction, based on the materialist-historical-dialectical method developed by Marx and Engels.

Keywords: Sustainability. Ideology. Fishing. Capitalism. Ocean Sciences.

Introdução

Nascemos *Homo sapiens*, mas apenas aprendemos a ser seres humanos em nossa convivência com aqueles que já vivem em sociedade, em determinada cultura e tempo histórico. Em *A Ideologia Alemã*, Marx e Engels nos trazem como ponto central a inseparabilidade do mundo da natureza do mundo dos homens. Dada a existência do ser humano como ser da natureza, como parte integrante dela, não podemos conceber a espécie humana sem a natureza. Apesar disso, os seres humanos, enquanto espécie, também se distinguem da natureza na medida em que com ela interagem de forma mediada — isto é, por meio do trabalho.

O trabalho é um processo teleológico por excelência, no qual os humanos transformam a natureza com a finalidade de satisfazerem suas necessidades socialmente determinadas. Ao transformarem a natureza para satisfazer suas necessidades, os seres humanos produzem os próprios pressupostos de sua existência, assim transformando a si próprios. O modo particular como os humanos se relacionam entre si para produzir os pressupostos de sua existência social também produz um modo determinado de vida social (MARX; ENGELS, 2018).

O tema do trabalho perpassa nossa pesquisa com destaque, pois, com o objetivo de analisar a argumentação presente no documentário *Seaspiracy: mar vermelho* (2021) de direção de Ali Tabrizi, nos debruçamos sobre o mundo do trabalho em suas diversas esferas. Primeiramente, abordamos as atividades pesqueiras, tanto aquelas de caráter tradicional quanto as de caráter industrial para, em seguida, discutir o papel da ciência e dos cientistas na produção de novos conhecimentos. Partindo para a segunda parte da análise, nos dedicamos a entender o papel da ideologia na sociedade, nos debruçando sobre a produção de documentários e discutindo ainda a possibilidade de seu uso como objeto de análise. Após a construção desse embasamento, tivemos as condições teóricas necessárias para realizar a análise do documentário.

Para o desenvolvimento da pesquisa, utilizamos uma adaptação de três fases do modelo geral para análise de filmes de Denzin (2004). Na **fase 1**, observamos o documentário como um todo, anotando os efeitos que ele nos causou. Já na **fase 2**, estabelecemos a questão central que orientou a nossa pesquisa: “de que forma a sobrepesca é apresentada na obra e quais as soluções apresentadas para resolução ou amenização do problema?”. A partir dela, buscamos na obra evidências e cenas-chave que interessassem ao questionamento. Por fim, na **fase 3**, realizamos uma análise cena por cena, buscando entender como a obra tomou posição em relação ao problema da sobrepesca. Em complementação ao modelo, analisamos o documentário sob uma perspectiva da dialética, da totalidade e da contradição, apoiando-nos no método materialista-histórico-dialético elaborado por Marx e Engels.

As relações ser humano-oceano: pesca artesanal, pesca industrial e ciências oceânicas

Diferentes formas de sociedade interagiram de forma mais ou menos intensa com os ambientes naturais ao longo da história, e as espécies marinhas de interesse foram essenciais para o desenvolvimento das comunidades costeiras (LONGO; CLAUSEN; CLARK, 2015). No entanto, nenhuma sociedade explorou os recursos marinhos de tal forma que um colapso ecológico estivesse tão próximo da realidade tal como está no capitalismo.

Portanto, consideramos essencial iniciar a discussão pelas relações existentes entre os seres humanos e os oceanos. Devido à amplitude da temática, focaremos especialmente na questão da atividade pesqueira, pois se trata de um tema que perpassa o documentário com destaque. Num momento inicial, buscaremos diferenciar a pesca artesanal da industrial, discutindo desdobramentos dessas atividades, tendo sempre como ponto de partida para análise a forma como se dá a produção da vida material nos determinados momentos históricos. Posteriormente, daremos especial atenção para o papel que a ciência cumpre na produção e no acúmulo de conhecimento e na produção de novas tecnologias, pois compreendemos que tanto atividades relacionadas à pesca, quanto atividades relacionadas às produções cinematográficas, estão condicionadas às técnicas e tecnologias disponíveis.

A pesca, enquanto atividade extrativista, existe desde os primórdios da humanidade. Nos diversos países em que está presente, a pesca artesanal cumpre um importante papel na subsistência de populações ribeirinhas e costeiras, além de apresentar relevância social, tanto local, quanto regional (DOS SANTOS et al., 2012). Importante destacar que essa prática apresenta contornos diferentes de acordo com as localidades e os contextos sociais. No que diz respeito ao nosso trabalho, não pretendemos adotar uma postura idealizadora da pesca artesanal, apenas contextualizá-la no modo de produção capitalista, contrastando-a com atividades pesqueiras de caráter industrial.

Para dos Santos et al. (2012, p. 417), em aproximação com as visões de Diegues (1988), na pesca artesanal, os pescadores fazem uso de pequenas ou médias embarcações com reduzida autonomia, aplicando modelos diversos de exploração (característicos de cada localidade) para extrair os recursos marinhos, e a remuneração se dá “através da venda do pescado para atravessadores, peixarias, bancas de peixe ou banca própria, podendo ocorrer ainda atividades econômicas complementares sazonais”. Entretanto, concordamos parcialmente com os autores quando afirmam que “a pesca tradicional é toda direcionada para o consumo humano” (DOS SANTOS et al., 2012, p. 406), visto que estando diversas comunidades pesqueiras completamente imersas na economia capitalista, os trabalhadores, além de consumirem os recursos extraídos, também devem vender uma parte daquilo que foi pescado para que possam comprar no mercado outros artigos de subsistência (por exemplo, roupas, materiais de construção, remédios etc.), o destino final dessas mercadorias serem consumidas é, portanto, meramente acidental.

Não nos propomos com esse trabalho a analisar o caráter de desenvolvimento sustentável, muitas vezes atribuído às práticas dos pescadores artesanais pois, em nossa concepção, esse termo está intrinsecamente associado a uma visão de desenvolvimento expansionista e intensivo. Todavia, compreendemos as práticas artesanais como menos impactantes aos ecossistemas quando comparadas àquelas de dimensão industrial.

No que diz respeito à industrialização da pesca, foi no começo dos anos 1900 que essa atividade começou a tomar força. Em 1906, navios de arrasto de origem inglesa, mudaram significativamente a forma como se dava a pesca até então. Somados aos novos navios, foram desenvolvidas tecnologias de refrigeração, oriundas da Revolução Industrial, que permitiam o armazenamento dos organismos pescados por mais tempo e, conseqüentemente, possibilitaram que os navios percorressem distâncias maiores e permanecessem por mais tempo em oceano aberto. Paralelamente a isso, também se desenvolveram os

sistemas de transporte que permitiram um aumento no consumo dos produtos pescados por pessoas localizadas longe de áreas marinhas. Entre os anos 1970 e 1980, novas tecnologias foram implementadas aos navios, entre elas o GPS e aparelhos de previsão de tempo (LONGO; CLAUSEN; CLARK, 2015). Importante destacar que todos os elementos citados foram resultado de investimentos que visavam o lucro, pois esses novos mecanismos potencializaram a captura de mais animais em menor tempo.

Já no período pós II Guerra Mundial, foram introduzidos produtos sintéticos, como náilon, isopor e plásticos em instrumentos utilizados na pesca, tanto artesanal quanto industrial. Esses materiais proporcionaram um barateamento dos instrumentos, mas também se tornaram fonte de poluição dos ambientes marinhos e das regiões costeiras. Ao redor do mundo, políticas pesqueiras tradicionalmente incentivaram e continuam incentivando grandes empresas da indústria da pesca em detrimento dos pescadores tradicionais. No entanto, a manutenção e expansão de formas pesqueiras intensivas acarretam problemas como a sobrepesca e as extinções de espécies, sejam elas de interesse pesqueiro ou não (DOS SANTOS et al., 2012).

As práticas no capitalismo se movem em direção a eficiência econômica, mas, como consequência, também têm o potencial de destruir ecossistemas e as comunidades humanas ligadas a eles. Essas degradações ambientais não são vistas como problemas sociais, mas sim, como problemas técnicos que demandam soluções tecnológicas, desenvolvidas em relação às demandas de mercado e não em relação à sustentabilidade (LONGO; CLAUSEN; CLARK, 2015, p. 36). Dados da FAO (2020) atestam que a proporção dos estoques marinhos (peixes, crustáceos, moluscos e outros animais aquáticos, com exceção de mamíferos e répteis) em níveis biologicamente sustentáveis decaiu de 90% em 1974 para 65,8% em 2017. E a porcentagem de recursos marinhos pescados em níveis biologicamente não sustentáveis cresceu de 10% em 1974 para 34,2% em 2017.

Além de gerar consequências ecológicas para os ecossistemas marinhos, como extinção de algumas espécies e crescimento descontrolado de outras e alterações no fluxo de nutrientes, fenômenos já descritos na literatura e aceitos pela comunidade científica, a pesca intensiva também altera as organizações sociais e econômicas até então vigentes. Segundo Fontes (2010), as relações sociais no capitalismo existem sobre uma expropriação originária. A autora disserta sobre a expulsão dos trabalhadores do campo e a expropriação de seus meios de produção e conhecimentos tradicionais, mas podemos estender a análise, sem prejuízos, para as comunidades de pescadores tradicionais. Segundo dados da FAO (2020), com relação aos trabalhadores, estima-se que, em 2018, 59,51 milhões de pessoas estavam envolvidas (de maneira total, parcial ou ocasional) no setor da pesca. 39 milhões de pessoas no setor de pesca por captura e 20,5 milhões de pessoas na aquicultura. Desse total, a maior parte dos trabalhadores estava localizada em países em desenvolvimento, e a maioria se tratava de pescadores artesanais, ou de menor escala e trabalhadores no setor de aquicultura.

Com o avanço da pesca industrial, surgem nos espaços de comunidades pesqueiras locais, disputas por território e pressões sobre essas comunidades. Os trabalhadores são profundamente afetados em sua forma de organização e o processo de trabalho nos mares se torna cada vez mais alienado, além disso, muitos pescadores são deslocados para outras formas de extração. Afinal, sob o modo de produção capitalista, apesar de ainda ser praticada em vários lugares ao redor do mundo, a pesca em menor escala não

é dominante, existindo apenas em forma de nichos. O argumento que prevalece para justificar as mudanças ocorridas no modo de produção de alimentos em direção a uma maior industrialização é que o declínio dos estoques marinhos e a conseqüente intensificação industrial são processos inevitáveis quando se considera uma população crescente com demandas crescentes. No entanto, embora o crescimento populacional deva sim ser levado em conta, quando analisado de forma individual, esconde os processos sociais e as estruturas econômicas vigentes, que também deveriam ser estudadas (LONGO; CLAUSEN; CLARK, 2015).

A indústria, para Marx (2013), é uma atividade em que há produção de mais-valia do ponto de vista da totalidade social, transformando atividades em atividades produtoras de valor. Uma comunidade pesqueira que utiliza os recursos para sustento da própria comunidade, portanto, não se enquadraria como indústria. Além disso, é importante destacar que algumas atividades pesqueiras de menor escala visam a geração de mais valia, e, estando totalmente inseridas no capitalismo, elas sofrem as pressões da indústria pesqueira, pois vendem seus produtos no mercado em concorrência com capitalistas, e é do mercado também que obtém seus meios de subsistência.

No capitalismo, os recursos pesqueiros são transformados em mercadorias (produtos do capital, da produção capitalista), que devem ser vendidas no mercado para que o processo de geração de mais-valia se concretize. Nas mãos de um capitalista possuidor de uma soma de dinheiro, essa soma deve aumentar em grandeza e valorizar-se para transformar-se em capital. Há, portanto, caracteristicamente, uma intencionalidade/finalidade de empregar o dinheiro com o objetivo de seu aumento (MARX, 1978).

A partir dessas constatações, podemos inferir que a pesca industrial não é realizada com o objetivo de fornecer alimentos nutricionais para a população, mas sim, com o objetivo de gerar lucro para o capitalista. Apesar do valor de uso da mercadoria ser condição necessária para a satisfação de necessidades (no caso da pesca, a alimentação) e, portanto, para a venda no mercado, a especificidade do valor de uso produzido – se postas de salmão ou armas – é num primeiro momento, inteiramente acidental.

Atualmente, conforme afirmam Costa, Accioly, Lima, Lemos e Cardoso (2021, p. 1), pouco se avança no debate sobre a natureza das ações antrópicas responsáveis pela degradação do meio ambiente, ela continua sendo, nas palavras dos autores, “vinculada a um ser humano genérico e abstrato, sem classe social e a-histórico”. A culpa humana em relação à degradação ambiental é generalizada, multiplicando-se as prescrições de ações sob “os mantras do ‘desenvolvimento sustentável’, do ‘consumo sustentável’ e do ‘capitalismo verde’.” No entanto, nós precisamos situar do debate ambiental na concretude do modo de produção capitalista, revelando suas contradições e visando sua superação. Além disso, acrescentamos aqui que os problemas socioambientais não são resultados do desenvolvimento tecnológico em si, mas sim, frutos históricos de relações socioeconômicas e de produção.

Como destacado ao longo do texto, as inovações tecnológicas oriundas da produção científica, desempenharam, e continuam desempenhando, um papel fundamental no processo de modernização da pesca, métodos de averiguação do estado dos recursos pesqueiros e na elaboração de soluções para os problemas emergentes. Ao discutir o papel da “ciência como legitimadora de interesses ideológicos”, Mészáros (2004, p. 248) aponta como, na concepção marxiana, a ciência estaria sujeita às mesmas contradições características da produção no capitalismo; sua atividade prática, portanto, seria um reflexo da

divisão social do trabalho e da alienação a qual os cientistas também estariam sujeitos. Nesse sentido, a ciência não seria capaz de apresentar uma total neutralidade, nem seria dotada de uma posição impessoal “a partir de cujo ponto de vista se poderia contemplar e julgar o resto do mundo” (MÉSZÁROS, 2004, p. 248). A ciência está sempre inserida nas determinações sociais de seu tempo histórico e, dessa forma, não pode ser mais neutra do que qualquer outra forma produtiva da sociedade em que se encontra.

Em relação às Ciências Oceânicas, sabemos que um cientista que dedica sua vida a estudar o mar não opera segundo sua própria preocupação em proteger os oceanos e os organismos que nele habitam e nem mesmo as Ciências Oceânicas operam segundo o seu próprio conjunto de regras, pois ambos estão sujeitos a questões externas a eles, como objetos de estudo e projetos que já chegam prontos para os pesquisadores e a necessidade de financiamento para a realização dos estudos. Com isso, os cientistas passam a atuar em prol dos objetivos de certas indústrias ou agências.

Em consequência da divisão social do trabalho, a ciência está de fato alienada (e privada) da determinação social dos objetivos de sua própria atividade, que ela recebe “pronta”, sob a forma de ditames materiais e objetivos de produção, do órgão reificado de controle do metabolismo social como um todo, ou seja, do capital (MÉSZÁROS, 2004, p. 270).

Não podemos negar que os avanços científicos na área das Ciências do mar são notáveis e prodigiosos, mas infelizmente, as tecnologias existentes tanto para a realização de pesquisa nos oceanos, quanto para atividade pesqueira, bem como os produtos oriundos dessas atividades, não estão disponíveis para todos, acentuando desigualdades entre países centrais e periféricos ao invés de contribuir para a eliminação dessas desigualdades. Além disso, muitas das tecnologias pesqueiras disponíveis hoje (por exemplo, sonares, GPS, refrigeradores, entre outros), quando aplicadas na pesca industrial capitalista, tiveram implicações prejudiciais não somente para organismos marinhos, mas também para comunidades tradicionais cuja sobrevivência depende dos oceanos. Destacamos, no entanto, que a culpabilização da ciência – e dos cientistas - pelas implicações advindas de seus produtos não faz sentido quando levamos em conta que, em última instância, eles são produtos de um modo socialmente dominante de produção em sua totalidade.

A ideologia como parte da história e o uso de documentários como objeto de análise

Nesta seção, acreditamos ser imprescindível abordar o conceito de ideologia tomando por base, principalmente, o que foi elaborado por Marx e Engels em *A Ideologia Alemã* (2018). E, para analisar *Seaspiracy* sob a luz do materialismo-histórico-dialético, concordamos com Nóvoa e Fressato (2013, p. 10) quando afirmam que os documentários são “expressões sociais e culturais historicamente localizadas” que nos permitem compreender as organizações culturais de uma determinada formação social. Portanto, por meio das produções audiovisuais podemos recuperar ideologias características de dado tempo histórico, considerando que elas contenham os condicionamentos sociais.

Os seres humanos, além de produzirem os meios materiais para satisfazer suas necessidades primárias e demais novas necessidades, também produzem e reproduzem suas representações ideais e, na medida em que “a consciência não pode jamais ser outra coisa do que o ser consciente” (MARX, ENGELS;

2018, p. 94), a própria ideologia resulta de processos reais e históricos. É por isso que separar as ideias dominantes de sua respectiva classe, tornando-as autônomas, constitui uma análise a-histórica, que não leva em consideração as condições da produção características de determinada época, nem a identidade dos indivíduos que produziram essas ideias.

Tendo por base as considerações feitas acima, trazemos como exemplo o termo “desenvolvimento sustentável” que vem ganhando destaque frente à crise ambiental que se alastra, e que muito nos interessa para as discussões de nossa pesquisa, pois aparece diversas vezes nos discursos do documentário. Esse termo surge pela primeira vez em 1980 no documento “A estratégia de conservação mundial: conservação de recursos vivos para o desenvolvimento sustentável” da IUCN (União Internacional para a Conservação da Natureza), e ganha repercussão internacional no Relatório Brundtlan de 1987 intitulado “Nosso Futuro Comum”. Nesse último, a definição apresentada para o “desenvolvimento sustentável” é a de que este “atende às necessidades das gerações presentes, sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem suas próprias necessidades” (BRUNDTLAND et al., 1987, p. 41, tradução nossa).

Entretanto, no capitalismo, com a transformação da natureza em mercadoria – através da intervenção humana, e da exploração da força de trabalho - cuja condição principal é a geração de mais-valia e não a satisfação de necessidades e o bem-estar da sociedade, o termo “desenvolvimento sustentável” encontra um impasse contraditório. Não existe a possibilidade, sob as condições capitalistas de produção e desenvolvimento, - dado que os recursos naturais são utilizados de maneira inconsequente e, muitas vezes, “ambientalmente incorreta” – de haver uma dominância produtiva de práticas realmente sustentáveis (FONTENELE; CONCEIÇÃO, 2021, p. 71).

Dialogando com Mészáros, podemos entender a prevalência desse termo e sua aceitação por parte da sociedade na medida em que as classes dominantes veem seus interesses representados nesses processos contínuos de reprodução social, econômica, política e ideológica. Daí vem a insistência em certas concepções e a rejeição de outras que se distingam demasiadamente de uma ordem social já estabelecida. Dada sua posição de privilégio, a classe burguesa é capaz de “ditar as condições de regras gerais do próprio discurso ideológico”, para isso contando com o apoio de instituições econômicas e políticas nas confrontações ideológicas (MÉSZÁROS, 2004, p. 233).

As produções cinematográficas cumprem um papel essencial nas manifestações socioculturais e por isso não podemos ignorá-las em nossa pesquisa. Nelas, além das mais variadas formas de subjetividade humana, também estão representadas formas de organização social, estruturas econômicas e políticas. Como gênero cinematográfico, o documentário desenvolveu ao longo da história, diferentes narrativas em relação a outros gêneros. No entanto, assim como outras formas narrativas existentes no capitalismo, as escolhas estéticas nos documentários estão sujeitas às possibilidades técnicas, tendo estas, inclusive, colaborado para dar origem aos diferentes estilos documentais (LESSA, 2013).

Ao contrário da ficção, em que predominam situações imaginárias pensadas pelo artista, o cinema documentário apresenta como principais características uma narrativa objetiva e uma representação da cotidianidade que é dada pela própria realidade. Nesse tipo de produção, os indivíduos são atores sociais que existem e compartilham de uma mesma realidade, podendo refletir sobre ela. Apesar de persistirem nas

produções documentárias “elementos do perfil de uma obra de arte: a imaginação, a criatividade, a subjetividade e o exercício de uma visão de mundo particular” (LESSA, 2013, p. 57) - visto que, qualquer forma de arte, enquanto representação do mundo, passa necessariamente pela relação entre sujeito e objetivo de interesse de representação - esses elementos devem estar comprometidos com a credibilidade das informações apresentadas. Ressaltamos, juntamente com Lessa (2013), que nos documentários a realidade objetiva é referenciada e contextualizada através da representação, e que a própria obra resultante já faz parte dessa mesma realidade. O cinema documentário, enquanto representação social, aborda, tangivelmente, aspectos do mundo que ocupamos e, conforme as organizações feitas pelo cineasta, torna “visível e audível, de maneira distinta, a matéria de que é feita a realidade social” (NICHOLS, 2005, p. 26). Por meio dos documentários, os quais possuem um forte vínculo com o mundo histórico, somos capazes de ver e refletir sobre questões que merecem nossa atenção.

Segundo Nichols (2005), para atingir um engajamento no mundo através da representação, os cineastas elaboram os argumentos apresentados ou formulam outras estratégias persuasivas, estando suas obras organizadas em torno da sustentação de um argumento sobre o mundo histórico. Os documentários podem apresentar variações nesses aspectos de representação, mas a própria ideia de representação é inerente ao cinema documentário. A maior parte desses filmes se encontra na “arena da batalha retórica” (NICHOLS, 2005, p. 43) que, apesar de diferir da lógica, da poética e da narrativa, pode fazer uso desses elementos para convencimento do público acerca de um assunto. Apesar do gênero documentário, enquanto baseado em sequências de imagens, não poder ser igualado a uma investigação científica - dado que àquele falta uma lógica rigorosa característica da produção científica - está preservada nesse gênero, uma tradição de comprometimento com a veracidade das informações, que influencia a maneira pela qual nós procedemos na realidade (NICHOLS, 2005).

Finalmente, com relação à análise de documentários como objeto de pesquisa, o pensamento marxista aponta como a ciência pode se apropriar da arte na medida em que esta é passível de ser pesquisada e capaz de apontar elementos sobre a sociedade. Karl Marx situa a arte nas formas ideológicas, ao lado de estruturas políticas, religiosas, filosóficas etc. por meio das quais os seres humanos também poderiam se conscientizar sobre as contradições existentes na sociedade (MARX, 1977).

Para Marx, até os próprios sentidos humanos (audição, visão, tato, olfato) são influenciados e transformados pelas relações sociais objetivas, e somente por meio da revolução, com a abolição da propriedade privada, os sentidos humanos estariam livres para serem órgãos sociais plenos. O autor nos permite compreender que a produção e a contemplação artísticas estão condicionadas às relações materiais e ideológicas existentes em determinada sociedade, e por meio da compreensão dessas relações e ideologias, podemos “entender o espírito como espírito do mundo, fruto das relações sociais” (CÂMARA; SAMPAIO NETO; LESSA, 2013, p. 25).

A temática da sobrepesca documentada: análise dos discursos contidos em “Seaspiracy: mar vermelho”

Seaspiracy é um documentário de 2021, dirigido pelo cineasta Ali Tabrizi e produzido por Kip Andersen, que discorre sobre os impactos antropogênicos nos ambientes marinhos com especial foco para a questão da pesca. Logo no começo da obra, Tabrizi comenta como foram as próprias produções audiovisuais estreladas por David Attenborough, Sylvia Earle e Jacques Cousteau que despertaram nele a fascinação pelos oceanos. De fato, os documentários são capazes de nos despertar emoções, emoções estas que podem desencadear atitudes condizentes com o que é defendido nas telas, um impulso para tentar mudar as situações que são mostradas nos filmes.

Portanto, julgamos essencial, antes de iniciar nossa análise crítica sobre a obra, afirmar que não pretendemos de forma alguma diminuir a validade das discussões apresentadas, afinal, elas são necessárias na medida em que denunciam acontecimentos e fenômenos prejudiciais para os oceanos (tanto para aqueles que habitam nesses ambientes, quanto para aqueles que tiram seu sustento das águas), e chamam a atenção das pessoas para esses fatores. É também nesse momento, que nos voltamos brevemente para a **fase 1** do método para análise de filmes de Denzin (2004), na qual percebemos anotamos os efeitos que a obra teve sobre nós. O fato de uma das autoras ter trabalhado por 3 anos na área de Biologia Marinha, contribuiu imensamente para uma identificação e conexão com o que foi mostrado no documentário. Para além disso, em diversos momentos, ficamos em choque com as imagens mostradas na obra, outros sentimentos destacados foram angústia e tristeza. Ao final do documentário, o que prevaleceu foi uma sensação de urgência, de necessidade de recorrer ao vegetarianismo ou ao veganismo e promover esses ideais para amigos e conhecidos. Já um segundo momento de reflexão se constituiu em indignação, o que nos move a estudar e aprofundar a crítica ao documentário e a realidade de exploração e destruição capitalista dos oceanos.

Partindo para as **fases 2 e 3** do método de Denzin (2004), que constituem análise cena por cena de *Seaspiracy* norteada pelo questionamento: “de que forma a sobrepesca é apresentada na obra e quais as soluções apresentadas para resolução ou amenização do problema?”. Destacamos como é por volta do sétimo minuto do documentário que aparece a primeira menção à pesca: o Japão anuncia seu regresso à caça de baleias no território antártico. Inicia-se então a linha da argumentação teórica que será seguida pelo documentário. Perto do oitavo minuto, Ali Tabrizi comenta como os animais morrem acidentalmente devido a presença de plástico no mar, mas a caça e a pesca carregam um peso de intencionalidade e até mesmo certa misticidade que o diretor só pensava existir em livros e filmes de história.

Pouco antes do décimo minuto, Ali comenta que para salvar os oceanos, ou ele permanece recolhendo lixo nas praias ou ele viaja para tentar descobrir se existe uma ameaça maior que o plástico para os oceanos. Depois de passar por um gigantesco porto de atuns em Kii Katsura, o diretor segue para Hong Kong, e meia hora adentro do documentário nos são apresentadas as práticas de ‘shark finning’²³ e ‘bycatch’²⁴. O documentário prossegue com a linha de argumentação demonstrando como comer peixes é tão prejudicial para os tubarões quanto o shark finning, já que esses animais são capturados não intencionalmente ao redor do planeta. Chegamos, portanto, em um ponto chave da construção da argumentação em *Seaspiracy*: a problemática do consumo de peixes.

Em seguida, as denúncias feitas pelo documentário concernindo os selos de sustentabilidade que volta e meia encontramos nos alimentos de origem marinha são essenciais para que construamos uma visão crítica da produção e comercialização desses produtos. Existe corrupção entre os agentes que operam por trás da liberação desses selos, além do fato de que as empresas pagam pela sua posse (como exemplo o selo ‘dolphin free’), feito esse que muitos produtores de menor escala não são capazes de realizar. A partir daí, diversos entrevistados reforçam a argumentação de que quando as pessoas comem peixes ou outros frutos do mar, estão prejudicando os oceanos e como, em última instância, a maior parte dos problemas que afetam esses ambientes recaem sobre a indústria pesqueira, desde a morte de tubarões e golfinhos, passando pela destruição de recifes de corais até as condições análogas à escravidão em que aqueles que trabalham em barcos pesqueiros industriais são obrigados a viver.

Diante disso, quarenta e cinco minutos adentro da obra, Ali Tabrizi se questiona se é possível existir alimentos de origem animal marinhos que tivessem uma origem realmente sustentável. Questionamento esse que é respondido com mais críticas a pesca. Em vários momentos da obra, a industrialização da atividade pesqueira é criticada e fala-se como não existe a possibilidade de haver extração sustentável de fauna em larga escala. Mais para o final do documentário, a crítica se estende para a pesca tradicional, com o argumento de que não se pode distinguir àquela desta, e como o maior problema de todos é o consumo de animais marinhos, não importando a forma. Da mesma forma, a proposta da aquicultura como solução para os problemas da sobrepesca também é criticada devido a poluição gerada por essa indústria e as doenças que atingem os animais confinados.

Já no final da obra, Lucy e Ali viajam para Faroe Islands, local onde registram uma matança de baleias, uma tradição culturalmente mantida pela população dessa região. Faltando aproximadamente 13 minutos para o término do documentário, Ali fala sobre como finalmente entendeu a sustentabilidade como algo que pode continuar indeterminadamente independentemente do sofrimento que causa e então se questiona se essa sustentabilidade é realmente o objetivo para cuidar dos oceanos. É uma fala focada nos valores intrínsecos e individuais dos organismos, o valor de sua vida e de seus sentimentos.

A partir daí, a linha de raciocínio começa a se encaminhar para os momentos finais, trazendo informações sobre como os peixes são capazes de experimentar medo e dor. Nos últimos 6 minutos da obra, Dominique Barnes, mestre em Biodiversidade Marinha e Conservação pelo Instituto Scripps de Oceanografia e cofundadora da empresa New Wave Foods, aponta uma possível solução para o problema da sobrepesca pautada na mudança de hábitos alimentares. Agora, com o desenvolvimento de novas tecnologias, os consumidores podem comer algas que apresentam o sabor de outros animais marinhos.

A New Wave Foods, fundada em 2015 com o objetivo de preservar os oceanos reduzindo os problemas ambientais e sociais relacionados à pesca comercial, é uma empresa em expansão, que recebeu investimentos da firma Blue Horizon. Roger Lienhard, fundador da Blue Horizon, comenta sobre o assunto:

Nós estamos muito felizes em adicionar a New Wave Foods para nosso portfólio de investimentos. O impacto que a pesca comercial causa no planeta e nas pessoas recebe muita atenção, e nós estamos contentes que startups como a New Wave Foods estão apresentando soluções para esse problema. Nós estamos ansiosos em apoiar o desenvolvimento de produtos do mar realmente sustentáveis. (tradução nossa)⁵

A Blue Horizon foi fundada em 2015 e é uma empresa do setor privado de investimentos focada em acelerar uma transição global do consumo de carne em direção a produção de alimentos, agrícolas ou marinhos, baseados em plantas. Até hoje, a empresa já investiu em mais de 50 companhias do setor de proteínas alternativas.

Um estudo realizado pela Blue Horizon em parceria com o Boston Consulting Group intitulado *Food for Thought: The Protein Transformation* revelou que o mercado de proteínas alternativas pode atingir a marca de 290 bilhões de dólares até 2035. Mas, para a criação de um novo mercado de alimentos são necessários investimentos e principalmente, que os consumidores aprovelem e continuem consumindo os produtos indefinidamente, e, para isso, estratégias de divulgação e propaganda se revelam muito interessantes.

O financiamento inicial e auxílio financeiro para a produção e realização de *Seaspiracy*, vieram do empresário Dale Vince, fundador da empresa Ecotricity, uma companhia inglesa de energia renovável. Dale é um dos mais importantes defensores do setor de energias renováveis no Reino Unido, além disso, também é presidente do primeiro clube verde de futebol do mundo, o Forest Green Rovers. Após se encontrar com Kip Andersen (produtor de *Cowspiracy* e outros documentários críticos da indústria da carne) em 2016, Dale Vince ofereceu o financiamento inicial que permitiu o começo das gravações de *Seaspiracy*. Em uma fala sobre o adquirento do documentário pela Netflix, Vince (2021, sp) disse:

[...] Com a ajuda da Netflix, *Seaspiracy* vai ser assistido por milhões de pessoas ao redor do mundo, e assim que você vê o que acontece, o primeiro passo a tomar é parar de fazer parte disso [destruição da vida marinha]. Nós precisamos parar de comer peixe, parar de usá-los como alimentos de vacas e parar de destruir o oceano no geral [...] (tradução nossa)⁶

Assim como em outros projetos, acadêmicos ou de propaganda, o modo de produção vigente, baseado na acumulação de capital, pode até ser posto em questionamento quando fala-se das consequências da industrialização, mas apenas de forma parcial, pois as relações sociais capitalistas contidas por trás desses processos não são postas em debate. De fato, a palavra ‘capitalismo’ sequer é mencionada ao longo da obra. A crítica mantém-se principalmente na esfera da circulação, ressaltando apenas a maneira como os produtos são escolhidos pelos consumidores. Acredita-se que haja possibilidades, dentro do capitalismo, de que a indústria alimentícia atinja patamares mais sustentáveis, mantendo-se uma produção em larga escala e com vistas a geração de mais valia, desde que essa produção seja agora apenas de origem vegetal. No entanto, mantendo-se o modo de produção capitalista veremos rupturas metabólicas nos ecossistemas da mesma forma que já vemos com a indústria pesqueira.

Juntamente com Mészáros (2004, p. 243) entendemos como essas abordagens, mesmo que contrastantes, são compatíveis com a ordem já estabelecida pelo capital. Existe sim uma ampla pluralidade no campo de discussão da ideologia dominante, mas

É claro que, nos fundamentos materiais capitalistas, esse pluralismo não pode ir muito longe, pois seus parâmetros absolutos são estabelecidos pelo pressuposto das bases materiais e institucionais da vida social capitalista como tal, para as quais não pode existir alternativa. No entanto, é da própria natureza do capital que ele seja constituído como uma irremovível pluralidade de capitais. De fato, não há concentração e centralização do capital que possam alterar radicalmente esta constituição. Elas só podem aumentar o

tamanho relativo das partes constitutivas e, desse modo, intensificar as contradições estruturais do próprio capital em uma escala cada vez maior. (MÉSZÁROS, 2004, p. 243)

Por outro lado, alternativas revolucionárias são duramente criticadas, contestadas e abafadas, mostrando até onde vão as fronteiras desse falso pluralismo. Dentro da classe dominante, também há diferenças de interesse que permitem a existência desse modo pluralista dos diversos capitais concorrentes. Mas outro mundo é possível e necessário e, de acordo com o pensamento marxista, é a própria historicidade do homem que garante a possibilidade de mudança do modo como a vida material é produzida através dos tempos. E por meio da práxis revolucionária é possível lutar pela libertação dos seres humanos, dos animais não-humanos, e da própria natureza como um todo.

Considerações finais

Os elementos pontuados neste trabalho acerca dos argumentos trazidos como solução para as problemáticas ambientais indicam que o documentário *Seaspiracy: mar vermelho*, apesar de sua relevância e da importância de suas informações, apresenta discursos limitados na medida em que estes pautam apenas uma saída, uma alternativa dentro do capitalismo: a diminuição do consumo de frutos do mar. Essa situação, se concretizada nos moldes de produção capitalistas, acentuaria as rupturas metabólicas nos ecossistemas oceânicos.

Diante da atual escala de acumulação de capitais, os conflitos socioambientais têm se tornado um local em que claramente emergem as lutas de classe. De um lado, pescadores artesanais, comunidades indígenas, comunidades quilombolas e outras comunidades tradicionais veem suas formas de existência ameaçadas pela voracidade do capital, do outro lado encontramos capitalistas preocupados com a manutenção do modo de produção vigente. Em *Seaspiracy: mar vermelho*, fica evidente que a sustentabilidade é o dilema entre preservação e exploração da natureza no sentido capitalista. Dessa forma, a ciência e a tecnologia são direcionadas ideologicamente para esta perspectiva de sustentabilidade do sistema capitalista.

Formas distintas de apropriação dos recursos naturais – representantes dos interesses de sujeitos sociais também distintos - são postas em disputa no campo ideológico e encontram sua materialização em produções cinematográficas, por exemplo. Destacamos, portanto, a necessidade de discutir-se criticamente o conceito de sustentabilidade nos moldes capitalistas e buscar compreender os seres humanos e os métodos utilizados por estes em sua historicidade, visando uma forma de apropriação dos recursos naturais que traga consigo a emancipação humana e uma relação de fato consciente e equilibrada com o restante da natureza. Nesse sentido, o método materialista-histórico-dialético faz-se essencial.

Também procuramos com esse trabalho, de forma humilde e com profunda admiração, propor uma complementação ao método para análise de filmes de Denzin (2004). Acreditamos que o método materialista-histórico-dialético pode contribuir para os estudos sobre filmes na medida em que acrescenta uma nova camada de reflexão crítica ao que é produzido pela sociedade. Conforme já foi exposto, as produções cinematográficas possuem profunda ligação com o contexto histórico em que estão inseridas e com os sujeitos sociais envolvidos nos processos de produção. Nesse sentido, a compreensão do

movimento do real também nos ajuda a compreender motivações e intenções dos artistas, produtores e financiadores envolvidos com a obra.

Em virtude das discussões apresentadas nesse trabalho, fica clara a relevância e a contribuição que o pensamento marxista pode trazer não somente para o debate ambiental sobre a crise dos oceanos, mas também, para as formas de consciência que são, de certa forma, também influenciadas e moldadas pelos documentários e para as próprias produções representativas da realidade. Em conclusão, destacamos como futuras pesquisas podem vir a ser realizadas buscando entender o papel dos sujeitos sociais envolvidos nos fenômenos citados, sejam eles pescadores artesanais, marinheiros atuando na pesca industrial, empresários do ramo, ambientalistas, gestores ambientais, documentaristas, consumidores, entre outros.

Referências:

- ANDERY, Maria Amália; SÉRIO, Tereza Maria de Azevedo Pires. A prática, a história e a construção do conhecimento: Karl Marx. In: ANDERY, Maria Amália et al. **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.
- BLUE HORIZON. Disponível em: <https://www.bluehorizon.com/alternative-protein-market-to-reach-at-least-290-billion-by-2035/>. Acesso em: 29 jul. 2021.
- BLUE HORIZON. Disponível em: <https://bluehorizon.com//news-content/blue-horizon-invests-in-plant-based-seafood-company-new-wave-foods/>. Acesso em 29 jul. 2021.
- BRUNDTLAND, G. H. et al. **Our common future**. Oslo: ONU, 1987. Disponível em: <https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/5987our-common-future.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2021.
- CÂMARA, Antônio da Silva; SAMPAIO NETO, Bruno Andrade de; LESSA, Rodrigo Oliveira. Da estética à sociologia da arte. In: CÂMARA, Antônio da Silva et al. **Cinema documentário brasileiro em perspectiva**. Salvador: Edufba, 2013.
- CLAUSEN, Rebecca; CLARK, Brett. The Metabolic Rift and Marine Ecology. **Organization & Environment**, [S.L.], v. 18, n. 4, p. 422-444, 2005.
- COSTA, César Augusto Soares da et al. Marxismo e Questão Ambiental: Um Debate Introdutório. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 13, n. 2, p. 1-12, 2021.
- DENZIN, Norman K.. Reading Film: using films and videos as empirical social science material. In: FLICK, U.; KARDORFF, E.V.; STEINKE, I. (eds). **A Companion to Qualitative Research**. Londres: Sage, 2004.
- DOS SANTOS, Marcos Paes Neves et al. A pesca enquanto atividade humana: pesca artesanal e sustentabilidade. **Gestão Costeira Integrada - Journal of Integrated Coastal Zone Management**, v. 12, n. 4, p. 405-427, 2012.
- ECOTRICITY. Disponível em: <https://www.ecotricity.co.uk/our-news/2021/netflix-releases-trailer-for-seaspiracy-documentary>. Acesso em: 29 jul. 2021.
- FAO. 2020. **The State of World Fisheries and Aquaculture 2020**. Sustainability in action. Rome. <https://doi.org/10.4060/ca9229en>
- FONTENELE, Ana Consuelo Ferreira; CONCEIÇÃO, Alexandrina Luz. Categorias marxistas e análise do processo de valorização capitalista da natureza. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, [S.L.], v. 13, n. 2, p. 69-91, 2021.
- FONTES, Virgínia. **O Brasil e o capital-imperialismo: teoria e história**. Rio de Janeiro: EPSJV/Editora UFRJ, 2010.

- IUCN. **World Conservation Strategy: living resource conservation for sustainable development. Living Resource Conservation for Sustainable Development.** 1980. Disponível em: <https://portals.iucn.org/library/efiles/documents/WCS-004.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2021.
- LESSA, Rodrigo Oliveira. As representações da vida cotidiana no cinema documentário. In: CÂMARA, Antônio da Silva et al. **Cinema documentário brasileiro em perspectiva.** Salvador: Edufba, 2013. p. 55-83.
- LONGO, Stefano B.; CLAUSEN, Rebecca; CLARK, Brett. **The Tragedy of the Commodity: oceans, fisheries, and aquaculture.** New Brunswick, New Jersey, And London: Rutgers University Press, 2015.
- MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política.** São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- MARX, Karl. **O capital: livro I capítulo XI (inédito).** São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas LTDA, 1978.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã.** São Paulo: Boitempo, 2018.
- MÈSZÁROS, István. **O poder da ideologia.** São Paulo: Boitempo, 2004.
- NÓVOA, Jorge; FRESSATO, Soleni Biscouto. Cinema: do deslumbramento ao conhecimento. In: CÂMARA, Antônio da Silva et al. **Cinema documentário brasileiro em perspectiva.** Salvador: Edufba, 2013.
- NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário.** Campinas: Papirus, 2005.
- SEASPIRACY. Direção de Ali Tabrizi. Produção de Kip Andersen. [S.I]: A.u.M. Films Disrupt Studios, 2021. (89 min.), P&B.
- WITTE, Björn et al. **Food for Thought The Protein Transformation.** Disponível em: <https://web-assets.bcg.com/a0/28/4295860343c6a2a5b9f4e3436114/bcg-food-for-thought-the-protein-transformation-mar-2021.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2021

Notas

¹ Graduanda em Ciências Biológicas (UFSC). Integrante do Núcleo de Estudos sobre as Transformações no Mundo do Trabalho (UFSC) - dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/1617630968658640. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6249192402507122>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8025-2782>. E-mail: daipraluisa3@gmail.com.

² Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (2009). Professora do EED/PPGE/CED/UFSC. Membro do Grupo TMT/UFSC - dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/1617630968658640; <https://tmt.ced.ufsc.br/>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5137757620645835>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1347-4198>. E-mail: d.agostini@ufsc.br.

³ Nesta prática, as barbatanas dos tubarões são removidas após sua captura. Os animais, agora incapazes de nadar normalmente, são atirados de volta ao oceano ainda vivos.

⁴ Em português o termo utilizado é captura acidental e refere-se a captura não proposital de animais que não eram alvo da pescaria.

⁵ Entrevista disponível em: <https://bluehorizon.com//news-content/blue-horizon-invests-in-plant-based-seafood-company-new-wave-foods/>

⁶ Entrevista disponível em: <https://www.ecotricity.co.uk/our-news/2021/netflix-releases-trailer-for-seaspiracy-documentary>